

PSDB

Correria para salvar prévias

Partido contrata nova empresa de tecnologia para concluir o fracassado processo de votação pelo aplicativo

» RAPHAEL FELICE

O PSDB anunciou, ontem, que contratou uma nova plataforma de votação para prosseguir com as prévias, depois que o aplicativo desenvolvido pela Fundação de Apoio à Universidade do Rio Grande do Sul (FAURGS) apresentou instabilidade e impediu o pleito de forma remota. O programa da Relatasoft deve substituir o que tentou ser utilizado no último domingo e, segundo Luiz Fernando Machado — prefeito de Jundiá (SP) e coordenador tecnológico das prévias —, a nova empresa é “madura em eleições”, tendo trabalhado em pleitos regionais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

A ideia, agora, é correr com a finalização das prévias, cujo fiasco tecnológico trouxe desgastes para todas as campanhas e ainda expôs a profunda fratura que separam o ex-senador Arthur Virgílio Neto e o governador João Doria (SP) do governador Eduardo Leite (RS). Apesar de não esconderem que não se entendem mais — a ponto de os dois primeiros aparecem juntos na coletiva do partido, em Brasília, e o terceiro em Porto Alegre —, voltaram a tentar passar a ideia de que ainda existe alguma possibilidade de entendimento entre eles. Mas, nos bastidores, todos afirmam que, dificilmente, haverá convergência depois que o resultado das prévias for decretado.

Isso pode ser medido pela permanente troca de farpas entre Virgílio e Doria com Leite, e vice-versa. Embora todos afirmassem que não se consideram “inimigos”, não se comprometeram a apoiar um ao outro futuramente.

“Temos profundas diferenças políticas. O governador João Doria fala em expurgar e depurar gente do partido. Existe expulsão e demissão de um secretário de município, vereadores que tiveram suspensão à sua filiação ao PSDB. Tem um tipo de política que tenta exercer menos pelo

diálogo e mais pela imposição das vontades”, atacou Leite, acrescentando que há duas candidaturas em uma para enfrentá-lo.

Doria, por sua vez, rebateu as acusações feitas por Leite sobre eventuais fraudes na votação, mas tentou temporizar ao dizer que o gaúcho se deixou levar pelo “calor do momento”. “Se tivesse havido, denuncia-se e comprova-se. Se houvesse isso, eles teriam formulado denúncia, mas a colocação dessa natureza sempre está dentro do calor do momento onde a temperatura cresce”, disse Doria. Já Virgílio atribuiu as críticas de Leite à “juventude”.

Bolsonaristas

As tensões, porém, não estão relacionadas apenas à rota de colisão de dois candidatos com um terceiro. Vem incomodando o grupo de Virgílio e de Doria a presença de bolsonaristas no partido ou integrantes que têm se alinhado ao presidente da República. Para o ex-senador, é necessário afastar esses membros para “reavivar” a legenda.

“Uma ala de bolsonaristas no partido? Por que esse parlamentar não vai para o PL, do Costa Neto? O Bolsonaro não vai para lá? Vai com ele, então. A gente ainda assina uma carta, fala que o parlamentar é um bom quadro. Não tenho nada com alguém ser bolsonarista, mas lá fora. Aqui, não. O presidente diz que ele fez a revolução de 64 no Enem. Revolução de 64 para mim significa dor, tortura morte”. O PSDB nasceu para mudar e não se mudar se atrelando às tolices deste governo”, cobrou.

O governador paulista emendou que Bolsonaro “traiu” o voto de milhões de brasileiros, mas não deixou o PT de fora das críticas. “O sentimento é de profunda decepção com alguém que se mostrou um genocida, negacionista, administrador de rachadinha. Também quero distância do PT e longe do mensalão e do petrolão”, alfinetou.

Dida Sampaio/AE



Doria e Virgílio mostram que estão fechados contra Leite, que acusou a união deles de ser uma única candidatura dividida em duas

Presidente, enfim, se filia ao PL dia 30

» INGRID SOARES

Após dois anos sem partido, o PL divulgou, ontem, uma nota confirmando que Jair Bolsonaro se filiara à sigla no próximo dia 30, feriado do Dia do Evangelico, em Brasília. Segundo a legenda, a definição da data foi fechada depois de encontro entre o presidente da República e o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto.

Horas antes, Bolsonaro afirmou que a filiação ao PL estava “quase fechada” e deu as razões do adiamento da assinatura da ficha do partido — atribuiu ao diretório paulista a dificuldade de fechar a adesão antes.

“Tenho conversado com o

Valdemar Costa Neto. Eu estava lá na região do Golfo (Pérsico) quando pedi para ele adiar a filiação, que seria dia 22. Falava acertar o maior diretório do Brasil, que é São Paulo. Ele tem um compromisso lá com o vice-governador e tinha que arranjar uma maneira, sem quebrar a palavra dele, de resolver esse assunto. Está praticamente resolvido. Está quase fechado, mas, na política, só está fechado depois que fecha”, brincou.

Os apoios apoios estaduais eram uma pedra no sapato de Bolsonaro. Em São Paulo, por exemplo, o partido estava fechando apoio a Rodrigo Garcia (PSDB), vice do governador João Doria, um dos maiores rivais do

presidente. Após as discordâncias, em uma reunião realizada na semana passada Costa Neto aparou as arestas que faltavam.

O presidente deixou o PSL em 2019 depois de atritos e disputa de poder com o presidente da sigla, Luciano Bivar — agora, presidente do União Brasil, nova legenda que surgira da fusão entre o PSL e o DEM. O plano de Bolsonaro era fundar o Aliança pelo Brasil, mas, dois anos depois, a sigla não saiu do papel, pois não conseguiu coletar a quantidade mínima de assinaturas para obter o registro no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Bolsonaro já afirmou que tem interesse em indicar metade das

cadeiras do Senado a serem disputadas nas eleições de 2022, e que os escolhidos seriam “pessoas perfeitamente alinhadas conosco que vão ter uma posição conservadora, a quem interessa o destino do país”. Para o PL, a chegada do presidente se torna benéfica por conta do potencial de crescimento da bancada no Congresso — o que aumentaria as verbas dos fundos partidário e eleitoral, além de conquistar mais tempo de propaganda na tevê e no rádio, no próximo ano.

Antes do PL, Bolsonaro flertou com o Patriota, mas a notícia da filiação causou um racha no partido — a ponto de Adilson Barroso ter sido sacado do comando da legenda.



ALEXANDRE GARCIA

NELSON JOBIM ME DISSE QUE OS CONSTITUINTES ESTAVAM SOB A SÍNDROME DO AUTORITARISMO E DIMINUÍRAM PODERES DO CHEFE DO EXECUTIVO

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O moderador

Quem quer que leia a Constituição vai perceber que decisões da mais alta Corte não estão batendo com o que está escrito na lei maior. Essas discrepâncias vinham sendo discretamente comentadas nesses últimos tempos como alerta de algo errado. Mas, em Lisboa, num simpósio jurídico, o ex-presidente do Supremo, ministro Dias Toffoli, revelou, com todas as letras, o que vem acontecendo: o Supremo é o Poder Moderador da República — afirmou ele. Poder Moderador que tivemos foi na Constituição de 1824, em que o Imperador,

estando acima dos poderes, podia intervir para manter a harmonia entre eles. Ele era o quarto poder. Se o Supremo, hoje, é o poder moderador, então ele abarca, ao mesmo tempo, dois poderes — mesmo sem ter, para isso, o voto, que é a origem do poder.

O Imperador não fazia ativismo político, não alterava a Constituição, não inventava leis nem mandava prender, como tuitou o deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PSL-SP). Ademais, não há registro algum na Constituição a erigir um poder moderador — como

protestou a presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, deputada Bia Kicis (PSL-DF). O jurista Ives Gandra Martins, então ele abarca, ao mesmo tempo, dois poderes — mesmo sem ter, para isso, o voto, que é a origem do poder.

protestou a presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, deputada Bia Kicis (PSL-DF). O jurista Ives Gandra Martins, então ele abarca, ao mesmo tempo, dois poderes — mesmo sem ter, para isso, o voto, que é a origem do poder.

Não foi um ato falho do ministro Toffoli. Afinal, ele estava falando de Lisboa para o Brasil. Mais parece uma proclamação de que o Poder Moderador é o Supremo — embora sem apoio na Constituição e, muito menos, no voto. Toffoli também afirmou

que o sistema de governo no Brasil é o semi-presidencialismo. Isso é verdade. A constituinte que acompanhei escreveu uma base de sistema parlamentar com uma emenda presidencial. E criou o seguinte princípio: o presidente, que tem a responsabilidade pelo governo, não tem os poderes para governar. O Congresso, que não tem essa responsabilidade, é que tem esses poderes. O presidente Sarney, no dia da promulgação, quando o entrevistei, disse: “Com esta Constituição, o Brasil fica ingovernável”. Ele foi o primeiro semipresiden-

te. Nelson Jobim, que foi o relator executivo, me disse que os constituintes estavam sob a síndrome do autoritarismo, e diminuíram poderes do chefe do Executivo.

Isso é uma usurpação da representatividade do povo, origem do poder, que o exerce diretamente ou por seus representantes eleitos — como está no primeiro artigo da Constituição. Ora, hoje, presidentes eleitos com mais da metade dos votos válidos nomeiam seus auxiliares e tomam decisões administrativas, que têm sido vetadas pelo “poder moderador”. Não custa

lembrar que no referendo pós-constituinte, o sistema presidencial teve 70% dos votos. O ex-presidente da Câmara, Aldo Rebelo, ex-ministro do PT e ex-PCB, no seminário do Instituto Villas-Bôas, que conduzi na última sexta-feira, pregou um governo com presidente forte, com autoridade, com democracia, “pois o Brasil não aceita ditadura de ninguém, de patrões ou trabalhadores, de militares ou do Judiciário. Só democracia”.

E democracia não comporta imperadores mandando nos poderes avalizados pelo voto.



Cartão Gás e Cartão Prato Cheio.

Benefícios do GDF que somam R\$ 350 para ajudar quem mais precisa.

Esses dois auxílios do GDF contribuem para melhorar a alimentação de até 100 mil famílias do Distrito Federal nesses tempos difíceis em que vivemos.

